

O Pastel de Angu: um elemento da biosociodiversidade como tema de uma narrativa digital

Larissa Layane Gomes¹

Resumo: O trabalho apresenta uma narrativa digital que conta a história do Pastel de Angu, patrimônio imaterial cultural da cidade de Itabirito-MG. A ideia da criação de uma narrativa surgiu mediante a uma necessidade de retratar a biodiversidade local de diferentes regiões do Brasil sob o olhar de discentes da graduação em Ciências Biológicas. A narrativa está disponível como um Recurso Educacional Aberto – REA, e pode servir como referencial para pesquisas ou ser utilizado em salas de aula. A análise da narrativa nos leva a refletir sobre a importância de se repensar uma formação de professores mais sensível e repleta de vivências.

A narrativa pode se constituir em uma história que pode trazer elementos afetivos que permeiam a vida do seu autor (CARTER, 1993). Afinal, conforme Stephens (1992), um dos componentes de uma narrativa é a significação que é a forma em que o leitor irá interpretar e atribuir uma relação aos elementos da narrativa. Neste trabalho é apresentada a narrativa que conta a história do Pastel de Angu, uma iguaria que é um patrimônio imaterial cultural da cidade de Itabirito, localizada na denominada Região dos Inconfidentes em Minas Gerais.

A ideia de narrar uma história trazendo elementos significativos e locais, surgiu durante as aulas da disciplina de estágio de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, quando a turma teve a oportunidade de acompanhar uma exposição de um professor que lidera um projeto interinstitucional que agrega pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e que visa o desenvolvimento de recursos educacionais diferenciados para contemplar a realidade socioambiental de nosso país (PIZA et al, 2019). Esse professor nos apresentou trabalhos que retratam a biodiversidade local de diversas regiões do Brasil que foram desenvolvidos por outros discentes da

1 Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Ouro Preto – MPEC/UFOP, larilayane@hotmail.com

graduação em Ciências Biológicas. Além disso, discutimos como disponibilizar uma narrativa como Recurso Educacional Aberto – REA o que pode abrir espaço para interações entre mídia e educação biossocial na formação de professores.

Nas aulas posteriores o professor de estágio passou a orientar as ideias da turma para a criação de diferentes narrativas digitais. A escolha do tema e da forma do REA ficou a critério de cada aluno, mas inicialmente apresentamos dificuldades em encontrar um foco para a abordagem. Durante as aulas, muitas ideias surgiram, entre elas a criação de histórias ilustradas, cartas e revistas. Ao final da disciplina, todos os alunos apresentaram suas narrativas, nesse momento o professor orientou e alguns alunos apontaram elogios e *feedbacks* importantes para a melhoria do trabalho.

Ao optar por narrar sobre o Pastel de Angu, eu, primeira autora deste trabalho, refleti sobre qual público iria atrair para a leitura da narrativa e seu respectivo interesse, se as pessoas tendo o material como referencial, para uma pesquisa ou profissional, utilizariam como REA em aulas de biologia.

Pensando sobre isso, me identifiquei com a ideia de criar uma personagem que atraísse o leitor para a narrativa. Assim surgiu a Joana, uma criança de uma família que tem a produção e venda de Pastel de Angu como fonte de renda. A personagem faz uma chamada introdutória na narrativa, trazendo sua perspectiva pessoal e a relação da sua família com a iguaria. Utilizei de uma linguagem textual carregada de elementos que buscam a identificação do leitor com a história contada, portanto trouxe uma ilustração da personagem Joana e do uso de uma paleta de cores em tons quentes, como o amarelo, vermelho e o laranja, que remetem ao Pastel de Angu e despertam a atenção para o texto.

Nesse momento surgiram as dificuldades na produção da narrativa. Como prosseguir com a história, levantando dados e conteúdos relevantes de maneira a tornar a leitura interessante? Depois de algumas pesquisas optei pelo uso do **QRCode**, após a leitura da história contada por Joana, o leitor tem a opção de aprofundar ainda mais no conteúdo, pela leitura do código disponibilizado no final do texto. Ao ler o **QRCode** tem-se acesso a uma apresentação produzida com base no referencial do Modo de Fazer Pastel de Angu, presente no Registro de Bem Imaterial do Município de Itabirito.

A apresentação em formato PDF, apresenta um texto um pouco mais técnico, dividido em quatro diferentes momentos: “A História do Pastel de Angu”, “Patrimônio Imaterial”, “Como feito o Pastel de Angu” e “A relação da comunidade com a iguaria”. Em cada momento busco trazer o máximo de

detalhes para que o leitor entenda como o Pastel de Angu representa um elemento biossocial da Região dos Inconfidentes e que tem conquistado todo o estado de Minas Gerais.

A história do Pastel de Angu surge em um contexto feminino, rural, doméstico e escravocrata (MAGLIOLI, 2005). Durante a produção da narrativa e na busca por boas referências, pude perceber que esses elementos são silenciados nas grandes mídias, que apenas associam a iguaria a uma produção local e a venda. A história do Pastel de Angu vai muito além disso, criado no século XIX, no local conhecido como Fazenda dos Portões, no distrito de Itabira do Campo, que mais tarde se tornaria a cidade de Itabirito-MG.

O casal de donos da Fazenda apresentava uma boa relação com as mulheres escravizadas, retirando duas delas da senzala e levando-as para o casarão. Essas duas mulheres, Philó e Maria Conga, foram as criadoras da massa do pastel de angu, que era feita a partir das sobras do angu e recheado com umbigo de banana. Essa receita começa a se popularizar entre todos os moradores da região, e dessa forma começa a fazer parte da alimentação dos senhores e não somente das pessoas escravizadas (ITABIRITO, 2010)

Uma das netas dos donos da Fazenda, apelidada por Dona Milota, aprendeu a receita com sua mãe, e após a morte do seu marido, na década de 60, começou a produzir e vender os pastéis pelas ruas da cidade e no bar dos seus irmãos. Dessa maneira, e com o apoio do pároco da região, que passou a encomendar pastéis para serem vendidos nas festividades da igreja, o Pastel de Angu passou a popularizar na cidade (MAGLIOLI, 2005).

Atualmente a produção e comercialização do Pastel contribui para a economia local e cria um envolvimento dos moradores com a identidade da iguaria. Desde o ano 2000 é realizada na cidade a “Festa do Pastel de Angu”, que celebra a iguaria como patrimônio imaterial da cidade, integra a comunidade escolar e arrecada fundos (ITABIRITO, 2010)

No ano de 2011, durante a realização do Programa de Educação Patrimonial, que tinha a intenção de reconhecer os patrimônios imateriais da cidade de Itabirito, houve a discussão de qual seria a “melhor forma” de se fazer o Pastel de Angu. As cozinheiras de toda a cidade se reuniram para a criação do “Dossiê do modo de se fazer Pastel de Angu”, em que decidiram uma receita tradicional para representar o pastel.

O Pastel de Angu se tornou símbolo de resistência, pluralidade e esperança. Resistência por ser uma receita criada por mulheres escravizadas que se empenharam a transmitir seus conhecimentos a cada geração, mesmo diante de tanto sofrimento e preconceito. Pluralidade por se tornar uma receita que simboliza a população de uma cidade e representa uma região.

Esperança por ser a única forma de renda para muitas famílias, que vivem do dinheiro que arrecadam com a venda e produção de pastéis.

Ao analisar a presente narrativa, percebo que ela pode ser abordada em um contexto interdisciplinar. Em aulas de ciências, esse REA pode ser utilizado como um material de apoio para que alunos compreendam melhor sobre substâncias puras e misturas, colocando a mão na massa e fazendo a receita do pastel, por exemplo. Em aulas de história ela pode ser apresentada como um material complementar para a compreensão da vida das pessoas escravizadas. Em aulas de geografia, a narrativa poderá contribuir com observações sobre a cultura da cidade. Em aulas de sociologia ela pode servir como exemplo, ao tratar de interações sociais que se estabelecem a partir de um objetivo, no caso a produção e venda de pasteis.

Com isso, a criação de uma narrativa é uma ferramenta capaz de promover a formação de professores trazendo elementos e histórias de sua própria vida. Nota-se que nas universidades existe um silenciamento das questões biossociais que compõe a vida de muitos alunos, e alguns docentes apenas reproduzem conhecimentos inerentes a eles (PIZA et al, 2019). Lidar com essas questões me levou a refletir sobre que tipo de educação somos responsáveis por transmitir a nossos alunos, devemos atuar de forma a incitar uma perspectiva de formação mais sensibilizada, atribuída de significados e sentidos.

Espero que as pessoas ao acessarem essa e outras narrativas produzidas, tenham curiosidade em pesquisar sobre a Biodiversidade do local aonde vivem. Dessa maneira, a narrativa digital estaria auxiliando-os a conhecer um pouco mais sobre sua própria história e criando novos pontos de vista para algo presente no seu cotidiano.

Palavras chave: Narrativa, Pastel de Anjo, Recurso Educacional Aberto, Questões Biossociais, Formação de Professores

Agradecimentos e Apoios

Agradeço os meus professores orientadores, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a toda equipe do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências (MPEC). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

CARTER, K. The place of story in the study of teaching and teacher education. **Educational Researcher**, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.

GALVÃO C. Narrativas em Educação. **Ciência e Educação**, v.11, n 2, 2005, p. 327-345.

ITABIRITO. Registro de Bem Imaterial do Município de Itabirito. **Modo de Fazer Pastel de Angu**. Itabirito, MG. 2010.

MAGLIOLI, A. Jóia de Itabirito. Caderno Divirta-se, **Jornal Estado de Minas**, 2005.

PIZA et al. Um ano pra fazer farinha em território amazônico: o que Diana Tainara tem a dizer para o ensino de biologia? **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências –ENPEC**, 2019.

STEPHENS, J. Language and ideology in children's literature. New York: Longman Publishing, 1992.